



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CERRO LARGO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ALINE TERESINHA WALCZAK

GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ATUAL: MAPEANDO DISCUSSÕES
NO ENPEC E NA ANPED SUL

CERRO LARGO

2018

ALINE TERESINHA WALCZAK

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ATUAL: MAPEANDO DISCUSSÕES
NO ENPEC E NA ANPED SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Gonçalves dos Santos

CERRO LARGO

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Walczak, Aline Teresinha

GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ATUAL: : MAPEANDO
DISCUSSÕES NO ENPEC E NA ANPED SUL / Aline Teresinha
Walczak. -- 2018.
29 f.

Orientadora: Doutora Eliane Gonçalves dos Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Ciências Biológicas-Licenciatura , Cerro Largo, RS ,
2018.

1. Gênero e sexualidade. Formação de professores.
Práticas sociais.. I. Santos, Eliane Gonçalves dos,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALINE TERESINHA WALCZAK

**PESQUISA SOBRE GÊNERO NA ESCOLA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

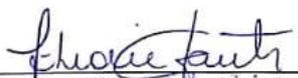
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Dra. Eliane Gonçalves dos Santos

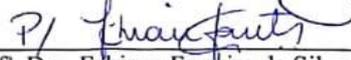
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

20/12/18

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dra. Eliane Gonçalves dos Santos - UFFS


Prof.ª. Dra. Roque Ismael da Costa Güllich- UFFS


Prof.ª. Dra. Fabiane Ferreira da Silva - UNIPAMPA

RESUMO

A sociedade é formada por discursos, que são produzidos e reproduzidos pelos sujeitos, de acordo com determinados períodos históricos. Estes discursos são estereotipados a partir dos chamados determinismos biológicos, que enquadram, classificam e diferenciam os sujeitos de acordo com suas características anatômicas e fisiológicas. Assim, a escola, como instituição social, reproduz ou produz discursos e práticas estereotipadas referentes ao gênero e à sexualidade. O presente trabalho buscou problematizar e investigar, a partir da análise de pesquisas publicadas em dois eventos da área da Educação, o IX, X e XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) e do IX, X e XI Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPED SUL), as abordagens das questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares. Assim, a referida pesquisa tem caráter qualitativo em Educação, sendo realizada por meio da análise documental. Dos resultados encontrados nas análises, emergiram três categorias, sendo estas: i) Escola como um espaço para as Discussões de Gênero e Sexualidade; ii) Escola como reprodutora dos discursos e práticas estereotipadas; iii) Concepções professores sobre o trabalho com as questões de gênero e sexualidade. Identificamos a partir dos dados que, as escolas podem ser locais de produção e reprodução de discursos e práticas estereotipadas, constituindo-se, contudo, como instituições que podem apresentar significativo potencial de evidenciar e, a partir disso, desconstruir estes estereótipos por meio de questionamentos, reflexões e discussões pertinentes à temática. Ainda foi possível evidenciar equívocos nas abordagens da temática por parte dos professores, sendo respaldas em seus preconceitos e estereótipos de gênero e sexualidade, que limitam o trabalho da mesma nos determinismos biológicos e em concepções higienistas. Assim, tornam-se fundamentais mais investigações e discussões pertinentes às questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares, bem como formações de professores que trabalhem no viés da temática, com o objetivo de melhor preparar e capacitar os futuros professores no trabalho com os diferentes gêneros e sexualidades emergidos no contexto escolar.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade. Formação de professores. Práticas sociais.

ABSTRACT

The society is formed by discourses, which are produced and reproduced by its interviewees, according to the historical importance. These discourses are stereotyped from the so-called biological determinisms, which fit, classify and differentiate subjects according to their anatomical and physiological characteristics. Therefore, the school as a social institution reproduces or produces stereotyped discourses and practices regarding gender and sexuality. This work sought to investigate how issues of gender and sexuality are being addressed in school spaces. The research also has a qualitative character in Education, being realized through documentary analysis in the annals of two events of the Education area, namely: IX, X and XI National Meeting of Research in Education in Sciences (ENPEC) and IX, X and XI Seminar on Research in Education of the Southern Region (ANPED SUL). From the results found in the analyzes, three categories emerged: i) School as a space for Gender and Sexuality Discussions; ii) School as reproducer of oppression; iii) Teaching staff conceptions about working with issues of gender and sexuality. We identify from the data that schools can be places of production and reproduction of stereotyped discourses and practices, but they constitute as institutions that can present significant potential to evidence and, from this, deconstruct the stereotypes through questioning, reflections and discussions relevant to the topic. It was also possible to show misunderstandings in the thematic approaches on the part of the teachers, being supported in their prejudices and stereotypes of gender and sexuality, that limit the work of the same one in the biological determinisms and in hygienist conceptions. Thus, major investigations and discussions pertaining to issues of gender and sexuality in school spaces become fundamental, as well as teacher trainings that work in the bias of the theme, with the aim of better preparing and training future teachers in the work with the different genres and sexualities emerged in the school context.

Keywords: Gender and sexuality; Teacher training; Social practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
METODOLOGIA.....	11
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade é constituída por meio de discursos, que os sujeitos produzem e reproduzem conforme determinados períodos históricos, rotulando, diferenciando e padronizando de forma gradual suas identidades. Segundo Foucault (1986), os discursos são cultural e historicamente construídos, sendo legitimados conforme o caráter de verdade que estes vão assumindo nos determinados contextos históricos. Dentro desta perspectiva, destacamos que estes discursos estão estreitamente relacionados com a organização e constituição das identidades dos sujeitos (MELUCCI, 2004), no qual questões de gênero e sexualidade são determinadas por discursos e práticas que moldam, padronizam e diferenciam homens e mulher/ normal e “anormal”, além de produzir e revelar hierarquias, discriminações e preconceitos, sendo que devido à forma como estes estão dispostos na sociedade e são encarados pelos sujeitos, são naturalizados e velados nos contextos sociais (SILVA; TORRES, 2012).

Para Foucault (1986), estes discursos naturalizados estão dispostos, aceitos e tomados como verdades estabelecidas por meio das relações de poder impostas e praticadas na sociedade, que dividem os sujeitos de forma binária: um grupo majoritário dominador, que seguem os padrões heteronormativos de gênero e sexualidade, e um grupo minoritário dominado, que fica à margem/desvio destes padrões. Desta forma Butler (2001) reforça que as relações de poder relacionadas com as questões de gênero e sexualidade são produzidas por meio de práticas discursivas que afetam diretamente a constituição dos corpos, segundo o pressuposto de que estas relações os habitam de forma intrínseca. Contudo, ainda segundo os autores, embora os sujeitos sejam expostos e constituídos destas relações de poder fragmentadas nos discursos, este poder pode se reconfigurar em resistências dos grupos dominados a esta dominação, não havendo com isso espaço apenas para submissões, mas também para problematizações e questionamentos aos padrões impostos.

Assim, é importante perceber como estes discursos normativos e normalizantes constituintes da sociedade, fazem parte também do espaço escolar, dentro do pressuposto de que a escola, por ser uma instituição social, é composta por sujeitos generificados e sexualizados, no qual as questões de gênero e sexualidade “(...) está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’” (AZEVEDO; SOUSA, 2013). Além disso, a escola abrange uma grande variedade de sujeitos muito heterogêneos entre si, que advêm de diferentes culturas, crenças, classes

econômicas e sociais, em que cada um corresponde a divergentes entendimentos e compreensões existentes envoltas das questões de gênero e sexualidade.

É importante destacar que a concepção de educação, bem como a importância e permanência dos sujeitos nos espaços escolares foi se alterando significativamente no contexto brasileiro, sendo que esta mudança pode ser visível principalmente a partir do final do século XIX, em que por meio da Constituição, a educação é tida como direito de todos os cidadãos e dever do Estado (SEFFNER; PICCHETTI, 2014). Desta forma, com o aumento do número de estudantes advindos dos mais diferentes contextos, a escola passa a ser um lugar de pluralidades culturais, sociais, econômicas, sexuais e de gênero, precisando se reconstruir como uma instituição que pode e deve desenvolver em sua prática cotidiana a inclusão destas diferenças. Para isso, é necessária a promoção de igualdade de oportunidades, confrontado e simultaneamente desenvolvendo mecanismos pelos quais os sujeitos possam também enfrentar todo e qualquer tipo de preconceito, discriminação e violência, especialmente em situações que envolvem as individualidades de gênero e sexualidade.

Ferrari (2014) destaca que devemos analisar como lidamos com as questões de gênero dentro das escolas, buscando problematizar e refletir sobre as concepções e ideologias que organizam o nosso saber referente à temática. Seffner e Picchetti (2014, p.69) citam que “a educação escolar, compreendida como campo de formação para cidadania, é uma das áreas convocadas para a inclusão das diversidades sexuais e de gênero pelo viés dos direitos humanos na escola e na sociedade”, ressaltando que as discussões e práticas pertinentes às questões de gênero estão presentes cotidianamente na escola por meio das relações construídas entre os sujeitos, nos diálogos, nas ações e nas falas, sendo fundamental que professores e funcionários estejam preparados para trabalhar com a temática, para assim saber conduzir toda e qualquer situação adversa ao reconhecimento e respeito das individualidades de todos os sujeitos que a constituem.

Ademais, considerando o papel das escolas na construção e socialização de conhecimentos, não apenas científicos, mas também sociais e culturais, destacamos a importância de haver diálogo das mesmas com a comunidade na qual estão inseridas, para estabelecer uma relação colaborativa e participativa entre ambas, com o objetivo do estabelecimento de uma formação mais ampla e integradora dos alunos, na premissa de que assim será possível fazer a formação de sujeitos atuantes, críticos, reflexivos, participativos e conscientes de seus papéis sociais. Desta forma, percebe-se a importância de tanto professores

como toda a comunidade escolar e social discutir e refletir a temática de gênero e sexualidade nas escolas, fazendo uma crítica pessoal e social sobre quais “as transformações que desejamos efetuar nos alunos e alunas, sobre os valores que desejamos inculcar e sobre as identidades que pretendemos construir” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18), sendo estabelecido com isso o necessário entendimento sobre o que é currículo e qual a importância do mesmo para os processos educacionais.

Nesta perspectiva, consideramos currículo como “experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p.18), no qual seu entendimento se faz necessário para estabelecer a compreensão de que a escola não é um espaço destinado apenas para a construção do conhecimento científico, como também para o desenvolvimento da cidadania. Compreendendo ainda a escola como um lugar que possibilita a relação entre diferentes sujeitos, de diferentes contextos e com diferentes entendimentos, além de seu papel na integração dos saberes e a construção das identidades dos estudantes, destacamos a relevância e importância de temáticas como gênero e sexualidade serem problematizadas, trabalhadas e refletidas dentro da mesma, para que assim haja “a construção de uma consciência crítica e desenvolvimento de práticas de respeito à diversidade e aos direitos humanos” (CADERNOS SECAD, 2007, p.44).

Desta forma, deve-se considerar que para temáticas como gênero e sexualidade serem inseridas e discutidas nas escolas de forma significativa e substancial, é necessário que haja formação inicial e continuada dos professores com o enfoque para a temática, para que os mesmos entendam a relevância de realizar essas discussões e saibam como intermediá-las, objetivando a formação dos sujeitos voltada para o ser cidadão, de modo que estes conheçam e respeitem as existenciais diferenças e diversidades de gênero e sexualidade, e saibam, além disso, se conhecer, reconhecer, construir suas identidades e não se intimidar pelas diferenças e preconceitos.

Neste pressuposto, destacamos que esta formação docente precisa ser construída na perspectiva da problematização, debate e reflexão, buscando desafiar e analisar quais são as falas, as percepções e as concepções que os futuros professores apresentam sobre as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, procurando reconstruir uma nova postura e um novo olhar sobre a diversidade e a diferença, além de prepará-los para o trabalho cotidiano da temática no contexto escolar, sabendo lidar com possíveis situações de homofobia e sexismo,

possuindo conhecimentos e capacidades para desconstruir estas posturas de preconceito, sexismo e discriminação (SILVA; TORRES, 2012).

Considerando o exposto até o momento, acreditamos e ressaltamos que as discussões pertinentes às questões de gênero e sexualidade dos sujeitos, principalmente dentro do contexto escolar, devem ser valorizadas e desenvolvidas, bem como pesquisas que buscam viabilizar a temática, destacando-a nas discussões políticas e sociais. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo problematizar e investigar, a partir da análise de pesquisas publicadas em dois eventos da área da Educação, o IX, X e XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (*ENPEC*) e do IX, X e XI Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (*ANPED SUL*), as abordagens das questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares, para verificar se a educação sexual e de gênero teve maior visibilidade e espaço de discussão nas escolas na última década, analisando nos trabalhos como e se os mesmos discutem a temática, visando verificar quais concepções referentes a gênero e sexualidade estão presentes na escola contemporânea; como ela é trabalhada, e quais os entendimentos dos educadores pertinentes ao assunto.

METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa em educação, de caráter documental, realizada a partir da Análise de Conteúdo, conforme os subsídios teóricos de Lüdke e André (2001). A pesquisa foi realizada a partir da análise de trabalhos disponíveis nos anais de dois diferentes eventos da área de Educação, a saber: IX, X e XI ENPEC (anos de 2013, 2015 e 2017) e IX, X e XI ANPED SUL (anos de 2012, 2014 e 2016), identificando e analisando nos mesmos as publicações referentes as questões de gênero e sexualidade no ensino. Para realizar a pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: formação de professores, gênero na escola, sexualidade, sexualidade na escola e sexualidade no ensino.

Após a definição de quais eventos seriam analisados, seguimos com a Análise de Conteúdo dos trabalhos, que se constitui em três etapas, sendo estas: 1- A pré-análise; 2- A exploração do material; e, por fim, 3 - O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Assim, na Pré-análise, realizamos a busca por documentos nos anais dos respectivos eventos, fazendo a leitura dos títulos e resumos para verificar se estes

correspondiam com o objetivo do estudo, que era encontrar trabalhos que abordassem sobre as questões de gênero e sexualidade no ensino; na Exploração do Material, realizamos a leitura de todos os documentos selecionados, verificando e demarcando que abordagens foram/estão sendo utilizadas para trabalhar as questões de gênero e sexualidade no ensino, bem como quais motivações e entendimentos que os trabalhos expressaram para produzir suas pesquisas referentes à temática, para, após, fazermos a categorização de cada documento.

O número total de trabalhos encontrados nos dois eventos analisados foi de 117, sendo que, após serem concluídas todas as etapas da análise, obtivemos como resultado um total de 58 trabalhos, que foram registrados em forma de quadro (Quadro 1) e (Quadro 2) para melhor sintetizar as informações encontradas, bem como as categorias emergidas das análises, respectivamente. Desta forma, o Quadro 1 traz algumas informações dos artigos, como o Número do artigo; Título; Autores, Ano e Evento pertencente. Ademais, o Quadro 2 apresenta as categorias formuladas com base na análise do material, o número total de artigos que compõem cada categoria. Algumas vezes o artigo analisado permeou-se entre uma e outra categoria de análise. A síntese dos dados resultantes da pesquisa documental foi organizada em categorias, a saber: i) Escola como um espaço para as Discussões de Gênero e Sexualidade; ii) Escola como reprodutora dos discursos e práticas estereotipadas; iii) Concepções dos professores sobre o trabalho com as questões de gênero e sexualidade. Por fim, no tratamento dos dados, realizamos a sistematização e interpretação dos resultados provenientes da análise e categorização dos documentos.

Quadro 1: Artigos encontrados nas análises dos eventos referentes as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar.

Artigos	Título	Autor	Ano	Evento
A1	Qual o preço de ser menina?	SCHWENGBER, Maria Simone Vione.	2012	ANPED SUL
A2	Gênero e educação: investigando narrativas de vereadoras do município do rio grande/rs	ÁVILA, Dárcia Amaro.; RIBEIRO, Paula Regina Costa.	2012	ANPED SUL
A3	Relações de gênero na escola: currículo formal x currículo real	ANDRIOLI, Líria Ângela.	2012	ANPED SUL
A4	“Bárbara, não vá criar confusão”: silêncios e silenciamentos nas relações de gênero	MATTOS, Zaine Simas.	2012	ANPED SUL
A5	“A galinha pintadinha e o galo carijó”: práticas que buscam fixar noções de gênero na educação infantil.	ARAÚJO, Camila dos Santos.; ANADON, Simone Barreto.	2012	ANPED SUL
A6	Corpo, gênero e sexualidade em uma cena do cinema	FRIEDERICHS, Marta.	2012	ANPED SUL

A7	As relações de gênero: entre as fronteiras de masculinidades e feminilidades	SALVA, Sueli; Ethiana Sarachin Ramos; OLIVEIRA, Keila de.	2012	ANPED SUL
A8	A orientação sexual no programa de educação de jovens e adultos do município de Criciúma	SANTOS, Tatiani Bellettini dos; FROTA, Paulo Rômulo de Oliveira.	2012	ANPED SUL
A9	Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil	CUNHA, Amélia T. B. da.	2012	ANPED SUL
A10	Gênero na educação infantil: uma análise de acontecimentos em sala de aula na perspectiva histórico-cultural	GARCIA, Juliana Lopes; TOSCANO, Carlos.	2012	ANPED SUL
A11	Escola e educação sexual: uma relação necessária	AQUINO, Camila; MARTELLI, Cristina.	2012	ANPED SUL
A12	O cérebro e a naturalização das diferenças de gênero em um artefato de divulgação científica	AMARAL, Jonathan Henriques do.	2012	ANPED SUL
A13	Clandestinidades: Imagens do diverso na educação	LEITE, Amanda Mauricio Pereira.	2012	ANPED SUL
T14	Um estudo da produção acadêmica brasileira sobre homossexualidade na docência nas pesquisas em educação	MACIEL, Patrícia D.	2012	ANPED SUL
A15	Repugnância, homofobia e educação à luz de Martha Nussbaum	SCOLARI, Adriel Paulo.	2014	ANPED SUL
A16	Professoras Transexuais e suas memórias com o estudantes	CRUZ, Tania Mara; SANTOS, Tiago Zeferino dos.	2014	ANPED SUL
A17	Escolhendo brinquedos na educação infantil: indicativos de reproduções e transformações e significações de gênero	GARCIA, Juliana Lopes.	2014	ANPED SUL
A18	Um processo singular de subjetivação: de bicha preta favelada a professor universitário	BRAZ, Eliana Peter.	2014	ANPED SUL
A19	Análise da ideologia de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: uma atualização das apresentações e representações	MOURA, Neide Cardoso de.	2014	ANPED SUL
A20	A produção de feminilidades jovens contemporâneas	VARGAS, Juliana Ribeiro de.	2014	ANPED SUL
A21	Homoafetividade também frequenta a escola, mas por favor não assumam a sua homossexualidade pois você pode ter prejuízos à sua imagem	CONSTANTINO, Clarice Klann.	2014	ANPED SUL
A22	Identidades de Gênero e Infância: erotização e pedofilização dos corpos na contemporaneidade	BECK, Dinah Quesada.	2014	ANPED SUL
A23	Ensino de Filosofia: a escola como espaço de (des)construção de gênero	OLIVEIRA, Ana Lúcia Bighelini De	2014	ANPED SUL

A24	Educação sexual: do olhar de assombro e estranheza para o encontro com a beleza e com a surpresa	ALMIERA, Kaciane Daniella de.	2014	ANPED SUL
A25	Relações entre gênero e letramento nos cursos de licenciatura em letras e pedagogia: uma problematização inicial.	CRUZ, Éderson da; DALÍGNA, Maria Claudia.	2014	ANPED SUL
A26	Gênero e sexualidade na escola: a dança como possibilidade de resistência	SILVA, Amanda da.	2016	ANPED SUL
A27	Educação é um direito de todos?: breves apontamentos para uma reflexão acerca das demandas da população (trans) para a educação brasileira.	OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro.	2016	ANPED SUL
A28	Os micro-fascismos nossos de cada dia: captura e sujeição de corpos trans*1 - e outros - nos movimentos sociais, na escola e na academia	SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos.	2016	ANPED SUL
A29	Pne 2014: disputando um modelo biopolítico	MOREIRA, Jasmine.	2016	ANPED SUL
A30	Gênero e raça: a escola diante do diferente busca o igual?	GOETTEMS, Lisiane.	2016	ANPED SUL
A31	“Mind the trap”: estranhando a norma	SILVA, Luciano Ferreira da; SEFFNER, Fernando.	2016	ANPED SUL
A32	“Vai ter shortinho, sim”: um ensaio sobre biopoder e feminismo popular na escola	MORESCO, Marcielly Cristina.	2016	ANPED SUL
A33	O plano nacional de políticas para as mulheres (PNPM) e as professoras mulheres: aproximações e distanciamentos entre as políticas públicas e a sala de aula	SALVADOR, Raquel Borges; AUDAD, Daniela.	2016	ANPED SUL
A34	Discurso, gênero e diversidade sexual: o que nos dizem as falas de professoras em processo de formação docente no gde?	MATOS, Thais Adriane Vieira de.	2016	ANPED SUL
A35	Ações docentes diante das manifestações da sexualidade	MARTELLI, Andréa Cristina.	2016	ANPED SUL
A36	Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA	AZEVEDO, Suse Mayre Martins Moreira; ZOUZA, Marcos Lopes de.	2013	ENPEC
A37	Corpo, gênero e sexualidade no espaço escolar: lembranças de futuros/as professores/as	SANTOS, Sandro Prado.	2013	ENPEC
A38	Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo	SILVA, Andréa Costa da; LIMA, Ana Cristina L M; SIQUEIRA, Helena Ferraz de.	2013	ENPEC
A39	A recreação como ferramenta metodológica para trabalhar sexualidade e gênero na educação infantil	LANES, Dário Vinícius Ceccon; LANES, Karoline Goulart; PINTEL, Robson Luiz;	2013	ENPEC

		FOLMER, Vanderlei.		
A40	Formação de Professores no Brasil e Questões de Gênero Feminino em Atividades Científicas	BASTISTA, Irinéa de Lourdes; SOUZA, Denise Caroline; KIKUCHI, Ligia Ayumi; CORRÊA, Maria Lúcia; HEERDT, Bettina; CAR STAL, Juliana; COSTA, Marcia da; CHIARI, Nathaly Desirrè Andreoli.	2015	ENPEC
A41	Articulando Química, questões raciais e de gênero numa Oficina sobre Diversidade desenvolvida no âmbito do PIBID: análise da contribuição dos recursos didáticos alternativos	SANTOS, Raquel Gonçalves dos; SIEMSEN, Giselle Henequin; SILVA, Camila Silveira da.	2015	ENPEC
A42	Concepções de estudantes do Ensino Médio sobre Ciência e Gênero	LIMA, Luis Victor dos Santos; DANTAS, Josivânia Marisa; CABRAL, Carla Giovana.	2015	ENPEC
A43	Sexualidade e gênero na pauta escolar: mediações com a literatura paradidática	SILVA, Andréa Costa da; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de.	2015	ENPEC
A44	O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade	SANTANA, Elisangela Barreto; SANTOS, Manuella Teixeira; SEABRA, Silvaney Fonseca Ferreira.	2015	ENPEC
A45	Conhecimento de Jovens e Adolescentes sobre Sexualidade: Análise em uma Escola Parceira do PIBID – UFPA	SILVA, Roberta Sousa da; MIRANDO, Jaíne Fernanda Jaques; ARAÚJO, Rafaela Lebrege.	2015	ENPEC
A46	Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental	MIRANDO, Pedro Raimundo Mathias de; FREITAS, Francisca Estela de Lima; SILVA, Caroline Nunes.	2015	ENPEC
A47	Ensino de Ciências por Investigação: problematizando a temática Sexualidade através da Sequência Didática Interativa	FREITAS, Júlio César Rufino de.	2015	ENPEC
A48	Narrativas docentes sobre práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental	MESQUITA, Adriano Santos de; FRAIHA-MARTIN, France.	2017	ENPEC

A49	O ensino de ciências na educação inclusiva: o caso da sexualidade para adolescentes com deficiência intelectual	MARCONDES, Tatiana; SILVA, José Alves da.	2017	ENPEC
A50	O uso do cinema no ensino de ciências: uma análise do filme Tomboy e as questões de corpo e gênero na escola	CASTRO, Jeimis Nogueira de; VARGAS, Eliane Portes.	2017	ENPEC
A51	Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos		2017	ENPEC
A52	Problematizar o tema sexualidade no contexto escolar: reflexões sobre as lacunas da formação dos professores de ciências	MIRANDA, Carolina Santos de Miranda; OLIVEIRA, Gilvaneide Ferreira de.	2017	ENPEC
A53	Gênero: Questão Sociocientífica no Ensino de Ciências	MARTINS, Luiz Guilherme; LOPES, Nataly.	2017	ENPEC
A54	Interesse de meninos e meninas durante visita ao espaço de educação não formal: concepção dos monitores	FRIOLANI, Poliana; SILVA, João Rodrigo Santos da.	2017	ENPEC
A55	Discussão de gênero como questão sociocientífica	MACEDO, Jéssica Carolina Paschoal de; LOPES, Nataly Carvalho	2017	ENPEC
A56	A educação em Ciências e a perspectiva de gênero	ALMEIRA, Ester Aparecida Ely de; FRANZOLIN, Fernanda.	2017	ENPEC

Fonte: Walczak; Santos, 2018

Quadro 2: Discussões sobre gênero e sexualidade em diversas interfaces no espaço escolar.

Total de artigos	Categorias
56	i) Escola como um espaço para as Discussões de Gênero e Sexualidade;
49	ii) Escola como reprodutora dos discursos e práticas estereotipadas;
29	iii) Concepções dos professores sobre o trabalho com as questões de gênero e sexualidade

Fonte: Walczak; Santos, 2018

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa sociedade, por ser construída e organizada a partir de discursos que padronizam, moldam e diferenciam os sujeitos conforme jogos de verdades, cria ao longo do tempo sistemas de classificação e discriminação dos sujeitos, determinando o que é considerado normal, natural e aceitável pelo contexto social. Assim, o sujeito hétero, masculino e branco é classificado e reconhecido dentro da normatividade, competência e naturalidade imposta, o que fica a sua margem torna-se visto como anormal/diferente. A partir desta heteronormatividade e heteronormalização que se fundamenta a discriminação, exclusão e preconceito dos sujeitos (CÉSAR, 2009; ARAÚJO, 2015). Desta forma, Bento (2011, p. 552) ressalta:

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade.

Percebemos, por isso, que os discursos produzem as identidades dos sujeitos, seguindo determinado padrão imposto e reconhecido como “normal” na sociedade, produzindo binarismos entre sujeitos que não seguem os rótulos da normatividade. Foucault (1999) destaca que estes discursos, produzidos a partir de jogos de verdade sobre os corpos, se estabelecem pelas relações presentes nos contextos sociais, que disciplinam os corpos na expectativa dos mesmos corresponderem às atitudes pertinentes a gênero e sexualidade consideradas corretas e normais para meninas e meninos (FONSECA, 2012), controlando os sujeitos e criando o que Foucault (1999) chamou de “corpos dóceis”.

Reconhecendo que os discursos estereotipados sobre gênero e sexualidade estão presentes em todos os espaços sociais, seja por meio de discursos ou práticas normativas e normalizantes, ressaltamos a escola como uma instituição privilegiada para problematizar, questionar, criticar, refletir e discutir sobre a temática dentro de um viés de desconstrução das visões heteronormativas, heteronormalizantes e sexistas. Essas visões reforçam os preconceitos e discriminações entre os sujeitos, a partir do pressuposto de que a mesma é um espaço marcado pela interação entre os sujeitos, além da troca de saberes, conhecimentos, percepções e entendimentos, sendo nesta interação com o outro que a diversidade e as diferenças se tornam

visíveis e possíveis de serem trabalhadas (PAVANI; ANDREOLA, 2016; HEERDT; BATISTA, 2017).

Assim, por meio da análise realizada, que buscou investigar como as questões de gênero e sexualidade estão presentes nos espaços escolares (Quadro 1), identificamos um número significativo de trabalhos (56) que abordaram a temática, o que consideramos como um ponto positivo para o ensino, pois demonstra que cada vez mais pesquisadores da área compreendem a importância de investigar o assunto, dando mais visibilidade ao mesmo, permitindo discussões e reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade no meio acadêmico e conseqüentemente nas instituições de ensino básico. Compreendendo o papel e a função social da Escola na constituição dos sujeitos, apresentamos nos próximos subitens, as três categorias, que emergiram deste estudo.

i) Escola como um espaço para as discussões de gênero

Com relação à primeira categoria analisada, observamos, por meio do quadro 2, que cinquenta e seis (56) trabalhos apresentaram a escola como sendo um espaço propício para as discussões sobre gênero e sexualidade, seja pela multiplicidade de sujeitos com diferentes identidades que a constituem, seja pela relação social estabelecida entre estes sujeitos no espaço escolar, que potencializa a vivência e a transparência de suas sexualidades e identidades de gênero, ou pela função exercida como construtora do conhecimento e cidadania.

A escola, por ser instituição constitutiva da sociedade, é um espaço no qual se faz necessário o diálogo acerca das questões de gênero e sexualidade, buscando trazer esclarecimentos, reconhecimentos e conhecimentos, bem como confrontos e reflexões dos sujeitos sobre suas individualidades e as de outrem, de forma que os estudantes aprendam neste espaço plural, a respeitar as diferentes individualidades e identidades, e possam construir simultaneamente as suas próprias.

Nosso contexto social, foi/é marcado pelo sexismo e pela heteronormatividade, em que o gênero feminino ainda é visto com sinônimo de inferioridade ao gênero masculino e apenas uma forma de sexualidade é reconhecida e aceita como “normal” e “natural”, sendo desprezado, ignorado e oprimido tudo que desvia e rejeita este padrão normativo. Neste sentido, a escola, caracterizada como um espaço social, acaba (re)produzindo as concepções e preconceitos existentes no meio social, na perspectiva de que o preconceito não é isolado, e a escola, por ser uma instituição social, replica as conjunturas sociais da mesma. Esta condição nos demonstra a

necessidade de os indivíduos estarem em constante estado de atenção nas práticas e discursos presentes no cotidiano escolar, no sentido de perceber e desconstruir rotineiramente os estereótipos que os envolvem os sujeitos escolarizados.

Desta forma, reconhecendo a escola como uma instituição social que compreende uma grande diversidade de sujeitos de diferentes raças, classes, etnias, sexualidades e gênero, destacamos a necessidade de ser reconhecida e problematizada a premissa da mesma se constituir como um espaço que faz (re)produção dos preconceitos e das discriminações entre os sujeitos, bem como a busca pela padronização e classificação dos corpos, os quais, por sua vez, são naturalizadas em paralelo com a cotidiano escolar.

Neste sentido, também destacamos que as políticas públicas curriculares, que ainda são objeto de atenção dos setores mais conservadores da sociedade, que tentam silenciar e impedir abordagens e discussões sobre certas temáticas na escola, como as de gênero e sexualidade dentro das escolas, colaboram com o cenário de padronização e rotulação dos sujeitos de acordo com suas características e preferências sexuais e de gênero. Situação decorrente, por que ainda não se reconhecer a existência de diferentes individualidades e a diversidade cultural presente em nosso contexto.

Com isso, se faz imprescindível compreender a importante função social que a escola representa no trabalho com as diversidades dos sujeitos, na inclusão e reconhecimento das diferenças e no combate a discriminações, preconceitos e estereótipos, ao priorizar a formação dos sujeitos para além do conhecimento científico, formando também para a equidade de gênero, cidadania, criticidade, reflexão e respeito às diversidades e às individualidades, precisando neste trabalho questionar, problematizar e refletir sobre os padrões impostos socialmente, a fim de desconstruir preconceitos, discriminações e estereótipos.

A partir das análises dos textos, percebermos o destaque dado aos espaços escolares como instituições que podem ser promotoras do trabalho com a temática, pois, conforme observado no excerto correspondente ao trabalho A37, a escola “*está envolvida na produção de identidades sexuais e de gênero, bem como com a validação de determinadas formas de viver as masculinidades, as feminilidades e a sexualidade*” (A37, 2013, p. 3), [grifos nossos]) e por isso, conforme A51, a mesma “*deve tratar das questões de gênero e dos diferentes tipos de orientação sexual a fim de problematizar as diversidades que compõe nossa vida social e*

dar maior visibilidade às minorias, buscando amenizar as desigualdades e preconceitos” (A51, 2017, p. 2).

Além de observar a prevalência de trabalhos que abordavam a escola como espaço social para discussões sobre gênero e sexualidade, foi possível identificar a forma estereotipada como a mesma está presente neste espaço, como é destacado em todos os artigos analisados. Esta estereotipização sobre a temática no contexto escolar é respaldada pelo chamado “determinismo biológico”, que classifica e reduz o trabalho com a temática e o tratamento dos sujeitos conforme suas características anatômicas e fisiológicas (LOURO, 1997; SCOTT, 1995; CITELI, 2001), afirmando que as identidades femininas e masculinas dos mesmos devem condizer com suas características fisiológicas e morfológicas, rejeitando qualquer tipo de identidade que fuja desta norma.

As inferências pertinentes a estes binarismos estereotipados entre homens e mulheres podem ser observados em A12 quando cita que *“existe uma ‘demanda cultural’ por explicações naturalizantes para os comportamentos de homens e mulheres, de modo que haveria um público interessado em acessar conhecimentos científicos que naturalizem e, assim, legitimem as diferenças de gênero”* (A12, 2012, p. 11). Sendo assim, este determinismo biológico classifica e padroniza as atitudes e capacidades de homens e mulheres de acordo com suas características biológicas, reduzindo principalmente as mulheres a subjetivação e inferiorização, ao classificá-las e diferencia-las conforme características ditas como naturalmente femininas, como por exemplo, o sentimento, a emoção e a docilidade, diferentemente do homem, no qual teria de forma intrínseca características como capacidades racionais, objetivas e cognitivas superiores (HARAWAY, 1995).

Assim, percebe-se o quanto os gêneros são marcados por meio de oposições binárias, fato reconhecido e ressaltado em todos os textos pertencentes à categoria, como é evidenciado no seguinte trecho de A17:

[...] as diferenças referentes ao masculino e ao feminino se sustentaram por longa data, em um discurso que naturalizava essas diferenças, postulando um padrão pré-social daqui que era esperado da categoria ‘homem’ e da categoria ‘mulher’, como se todas as mulheres ou todos os homens tivessem seus papéis, funções, comportamentos, modos de sentir prescritos. Deste modo, as diferenças entre homens e mulheres pautavam-se na distinção física entre ambos, determinando biologicamente toda e qualquer diferença entre masculino e feminino (A17, 2012, p. 3).

Na próxima categoria a discussão e reflexão perpassa pela questão de a escola ser considerada um espaço reprodutor da opressão.

ii) Escola como reprodutora dos discursos e práticas estereotipadas

Nesta categoria buscamos investigar se a escola é um espaço reprodutor da opressão. Observamos que em quarenta e nove (49) trabalhos analisados, os autores concordam que o ambiente escolar, por ser uma instituição social, reproduz seus discursos e com isso, potencializa a opressão contra os grupos de sujeitos considerados minoritários, seja pelas suas identidades de gênero ou pelas suas sexualidades. Desta forma, Louro (1997) destaca que desde o princípio, a escola exerceu uma ação distintiva entre os sujeitos, separando-os, classificando-os e buscando padronizá-los, produzindo binarismos, discriminações e preconceitos. A mesma “delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (LOURO, p. 58, 1997), sendo que estas classificações, realizadas e naturalizadas no espaço escolar, fomentam a opressão contra os grupos marginalizados e subjetivados de acordo com seu gênero e/ou sua sexualidade.

Assim, desde pequenos, aprendemos que homens e mulheres expressam diferenças naturais, seja na diferenciação da cor, brinquedos ou “função” no mercado de trabalho que caracteriza cada sexo. Estes discursos estereotipados são respaldados e reforçados por meio do chamado “determinismo biológico” discutido na categoria anterior, sendo potencializados pelas práticas que controlam e orientam os sujeitos no pertencimento aos padrões de heterossexualidade e nas crenças de que homens e mulheres têm capacidades, atitudes e comportamentos específicos e diferenciados, o que “naturalmente” delimita seus espaços sociais nas diversas esferas. É importante salientar, que estes discursos sexistas e heteronormativos, bem como os fatores e condições sociais que potencializam e são potencializadas por estes, são naturalizadas dentro do contexto social, e conseqüentemente escolar, sendo constituídos e reforçados como parte de nosso cotidiano. Assim, por meio das análises, observamos essas inferências em grande parte dos trabalhos, pois do total de cinquenta e seis (56) trabalhos analisados, apenas sete (07) não fazem parte desta categoria (A9, A39, A41, A45, A46, A48, A49), que evidencia que “*A escola é um espaço onde as discriminações, enquadramentos e preconceitos se reproduzem insistentemente*” (A4, 2012, p. 5).

Compreendendo que a escola tem um papel formativo na vida dos sujeitos, é necessário que esta instituição, esteja atenta para estas naturalizações, abrindo espaços para problematizações, questionamentos e discussões sobre as situações estereotipadas que fazem parte do nosso cotidiano e que ocasionam a produção e reprodução do sexismo, do preconceito

e da discriminação. Desta forma, a mesma não será delimitada apenas como espaço de reprodução dos estereótipos, mas também como espaço que possibilita a desconstrução destes, situação evidenciada em todos os trabalhos constituintes da presente categoria, conforme seguintes os excertos: *“Na escola, as questões referentes a gênero são, via de regra, reproduzidas, havendo, entretanto, a possibilidade de serem refletidas e questionadas”* (A10, 2012, p. 13) e *“[...] a escola que é outra forma de controle pode contribuir para um processo reflexivo e uma possível mudança nesses padrões de comportamento que criam preconceitos e discriminações em nome do estabelecimento da ordem das coisas”* (A7, 2012, p. 11).

Destacamos também que é preciso prestar atenção nas situações do não dito/não praticado, ou seja, nas invisibilidades e negações naturalizadas e por isso muitas vezes imperceptíveis, praticadas sob determinados sujeitos e situações específicas. Esta preposição é muito frequente principalmente quando se trata das questões pertinentes as sexualidades dos sujeitos, no qual a homossexualidade dos indivíduos que frequentam o espaço escolar por exemplo, acaba sendo ocultada, nas perspectiva de que *“Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda "eliminá-los/as", ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas "normais" os/as conheçam e possam desejá-los/as”* (LOURO, 1997, p. 67). Desta forma, é preciso tomar cuidado e prestar atenção em situações em que a escola busca a normatização, a padronização e o disciplinamento dos corpos, silenciando e rejeitando qualquer situação que fuja do padrão normativo social.

A partir da naturalização dos discurso sociais estereotipados referentes ao gênero e sexualidade dos sujeitos, surgem os chamados estudos feministas, como sinal de resistência e rejeição a estes binarismos e visões sexistas ocasionados pelo determinismo biológico, bem como a designação da palavra gênero como uma ferramenta de análise do ser mulher na sociedade e dos processos e construções sociais que produzem as fronteiras e dicotomias existentes entre os sexos masculinos e femininos.

Desta forma, esta naturalização dos discursos e práticas sociais vêm sendo questionada, bem como o papel imposto para o ser mulher e para o ser homem em contexto social, na perspectiva de que os estudos feministas e de gênero buscam demonstrar *“como a cultura se apropria dessas diferenças para justificar as desigualdades de gênero e a posição subordinada que as mulheres ocupam em diferentes situações e culturas”* (TEDESCHI, 2005, p. 140). Assim, é pertinente que a discussão sobre este assunto, seja um ponto de debate e reflexão nas escolas, para que os estudantes possam compreender e desconstruir preconceitos e estereótipos sobre o

papel da mulher na sociedade, evidenciando o processo histórico de construção dos estereótipos de gênero ao longo do contexto político-social, que resultam no patriarcalismo, sexismo e machismo constituintes de nossa sociedade mesmo na contemporaneidade.

Ainda, sobre o papel feminino nos espaços sociais, é importante destacar o entendimento de que as diferenças e desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres podem ser justificadas pelas características biológicas de cada um, no qual a mulher é inferiorizada ao homem pelas suas diferenças nas suas características sexuais, sendo importante e necessário demonstrar que na realidade não são as alteridades biológicas que resultam nas problematizações propostas, mas “[...] a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 1997, p. 24).

É importante salientar que não podemos buscar as justificativas para as desigualdades sociais nas diferenças biológicas dos sujeitos, mas que devemos nos atentar para o fato de que estas se formaram e continuam se formando ao longo das relações e construções sociais, na qual a sociedade produz e reproduz a opressão, preconceito, discriminação e violência perante as diferenças de gênero e sexuais. Na próxima categoria a discussão e reflexão perpassa pelas concepções dos professores pertinentes ao trabalho com as questões de gênero e sexualidade em sala de aula, evidenciando fatores de sua formação inicial e continuada.

iii) Concepções dos professores sobre o trabalho com as questões de gênero e sexualidade

Identificamos nesta categoria vinte e nove (29) artigos (A3, A4, A7, A9, A10, A11, A15, A16, A17, A18, A23, A24, A25, A26, A30, A31, A32, A33, A34, A35, A36, A40, A42, A43, A44, A52, A53, A54, A55) que discutem as concepções dos professores ao trabalhar as questões de gênero e sexualidade em sala de aula, bem como as interferências destas concepções no processo de ensino e aprendizagem. Os referidos trabalhos apresentam que os professores da Escola Básica têm uma visão estereotipada sobre as questões de gênero, bem como preconceitos e discriminações pertinentes às identidades sexuais dos sujeitos, como é possível observar no excerto de A15: “[...] *muitos professores ainda ditam as normas do que é coisa de menina e do que é coisa de menino, como se existissem padrões pré-estabelecidos e de que isso influencia até nos atos sexuais futuros*” (A15, 2018, p. 7). Tal entendimento revela

que falta compreensão e formação destes profissionais sobre o assunto, o que potencializa ainda mais os estereótipos e preconceitos no espaço escolar, quando este deveria ser um espaço promotor da cidadania, respeito e tolerância entre os indivíduos.

Ao analisar os fatores que contribuem para a reprodução das visões e padrões de gênero e sexualidade aceitos e considerados “normais” na sociedade, identificamos que os saberes aprendidos nas escolas estão intrinsecamente relacionados com as concepções e saberes dos professores, a partir do entendimento de que “[...] o/a professor/a vai estar sempre levando suas crenças e sua subjetividade agregados aos seus saberes para a sala de aula.” (ARAUJO, 2015, p. 5). Esta concepção pode ser observada em todos trabalhos que esta categoria contempla, no qual A11 cita que: *“Em várias situações vivenciadas no ambiente escolar, o professor e a professora reproduzem suas experiências pessoais, seus valores religiosos, seus princípios familiares, dentre outros”* (A11, 2012, p. 8).

Ainda, foi possível observar por meio das análises, um total de quinze (15) trabalhos que discutem o viés higienista e biologizante dado pelos professores ao trabalhar as questões de gênero e sexualidade em sala de aula (A3, A8, A11, A21, A24, A33, A35, A36, A38, A44, A45, A46, A47, A48, A49 e A51), limitando o mesmo em orientações sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST); cuidados com o corpo; reprodução biológica dos seres vivos e o estudo dos órgãos genitais dos sujeitos, reduzindo o trabalho das questões de gênero e sexualidade apenas ao biológico dos corpos, ignorando as constituições, vivências e experiências dos sujeitos como seres sociais e sexualizados, conforme explicitado em A11

Entre a maioria de professores e professoras permanece a concepção de sexualidade reduzida à compreensão biológica, enfatizando atividades que primam pelo caráter higienista e preventivos no âmbito da saúde. [...] sendo discutida nas aulas de ciências apenas como meio de informar quanto a doenças sexualmente transmissíveis, sistema reprodutor, contracepção, dentre outros (A11, 2012, p. 9).

É importante destacar que ao reduzir a discussão da sexualidade meramente ao conhecimento fisiológico, aos cuidados do corpo e a reprodução, desconsidera-se a sexualidade e o gênero dos sujeitos como uma construção histórica e social, feita a partir da socialização entre os mesmos, e que por isso perpassa a racionalidade, à reprodução ou as características biológicas dos corpos, ao envolver outras questões intrínsecas do ser humano, como o sentimento, o desejo, as intimidades, o prazer, que são expressas cotidianamente nas ações e relações com os outros sujeitos (HARAWAY, 1995). Além disso, com base no pressuposto de que a sexualidade é constituída nas relações com o outro, podemos dizer que não existe uma

única forma normal e natural de sexualidade e que a mesma não precisa seguir necessariamente um padrão de gênero. Há diferentes formas de sexualidades e de diferentes gêneros, existentes conforme as diversificadas situações sociais, culturais e identitárias

Tal contexto sinaliza que o problema educacional também está relacionado com os ainda necessários avanços pertinente as discussões de gênero e sexualidade na formação inicial e continuada de professores, partindo do pressuposto de que muito já foi feito e sinalizado ao longo do tempo, contudo, muito ainda precisa avançar com pertinência as discussões e problematizações da temática, para que assim todos professores possam estar preparados para lidar com casos de preconceito de gênero e discriminação, na lógica de impor-se e dialogar sobre as situações que surgem no cotidiano escolar, conforme Araujo (2015, p. 7) “calar-se está longe de uma postura de neutralidade e significa cumplicidade com o preconceito, consequente da ignorância sobre o assunto”.

A escola por ser um espaço social e plural, em muitos casos, reproduz suas contradições, em que o preconceito e discriminação estão presentes nas constituições dos estudantes, pais, professores, diretores e funcionários que frequentam o espaço escolar, sendo resultado de suas (pre)concepções e entendimento aprendidos em sociedade, e que assim, por meio do próprio currículo, a mesma acaba reafirma e reproduz os discursos de heteronormatividade, as injustiças, as desigualdades de gênero, o sexismo, o machismo, entre outras problemáticas presentes nos discursos e práticas sociais.

Assim, podemos dizer que os estudos e discussões pertinentes à temática precisam ter espaço privilegiado na formação de professores, por meio de uma formação que aborde os aspectos e interfaces do assunto, para que desta forma possam ocorrer desconstruções dos paradigmas e discursos estereotipados destes futuros professores, estabelecendo-se a possibilidade de mudanças paradigmáticas nos mesmos com relação reconhecimento e tratamento das diversidades dos sujeitos escolarizados. Sinalizamos que o resultado encontrado na análise dos artigos indica que os professores têm concepções estereotipadas em relação ao gênero e sexualidade dos sujeitos, reflexo de suas apropriações culturais, sociais, históricas, religiosas, entre outras, que interfere consequentemente em suas práticas com a temática em sala de aula.

O estudo e discussões sobre gênero e sexualidade precisam estar presentes nos espaços escolares para haver a construção de uma sociedade mais livre, igualitária e humanista.

Contudo, a lacuna na formação docente sobre o assunto deixa o trabalho da mesma, quando trabalhada, à mercê das concepções muitas vezes também estereotipadas dos professores. Desta forma, a formação inicial e continuada de professores com a temática de gênero e sexualidade (SILVA; TORRES, 2012), potencializa a desconstrução de estereótipos, a construção de conhecimento e o reconhecimento dos diferentes tipos de individualidades dos sujeitos, capacitando os professores no combate aos preconceitos, discriminações e visões sexistas, permitindo que a escola se constitua como um espaço aberto para o diálogo, reconhecimento e aceitação das diferenças, que visibiliza as questões de sexuais e gênero, em que estas poderão ser problematizadas, discutidas, refletidas, fazendo a formação dos sujeitos para a cidadania e o respeito com as diferenças.

CONCLUSÃO

Os discursos que constituem nossa sociedade constroem de forma gradual as identidades dos sujeitos, sendo estes discursos produzidos, reproduzidos e organizados a partir de relações de poder, que são cultural e historicamente construídas e legitimadas conforme o caráter de verdade que vão assumindo nos determinados contextos históricos. Nessa perspectiva, estas relações de poder estabelecem padrões sinalizados como naturais e normais aos corpos dos sujeitos, moldando-os para o pertencimento dos chamados padrões de heteronormatividade e heteronormalidade, no qual tudo que fica a sua margem é marginalizado, excluído, reconhecido como anormal, diferente, desviante.

Partindo deste entendimento, a escola reproduz e/ou produz novos discursos estereotipados, tendo em vista que sua constituição é marcada pela diversidade e pluralismo de sujeitos com diferentes culturas, ideologias, tradições, religiões, classes sociais, entre outras dicotomias. Além disso, o espaço escolar é reconhecido pela troca de saberes e vivências diárias entre estes diferentes sujeitos, no qual todo este pluralismo se expõe e se alterna, podendo, a partir deste movimento, se manifestar os diferentes tipos de preconceitos e discriminações internalizados nos sujeitos escolarizados. Desta forma, torna-se imprescindível haver a promoção do reconhecimento sobre a importância e necessidade da problematização, reflexão e debate sobre as diferentes identidades dos sujeitos na escola.

Os conhecimentos trabalhos nas escolas devem ir além da relação entre as disciplinas e os conteúdos, precisando estar em consonância e permanente diálogo com as questões presentes

nos contextos sociais. Assim, a temática de gênero e sexualidade, deve ser trabalhada objetivando a construção do conhecimento, respeito e cidadania, partindo do pressuposto de que a sociedade e escola se constituem como um caminho de mão-dupla, em que uma não pode e não deve se desvincular do contexto e construção da outra. Além disso, destacamos que além do necessário espaço para o trabalho com a temática, também é fundamental haver o preparo dos professores e demais funcionários da Educação para a correta condução das atividades envolvendo a temática e as possíveis situações contrárias que podem vir a acontecer.

A partir das análises dos trabalhos selecionados, foi possível observar como a temática gênero e sexualidade vêm sendo sinalizada e discutida na área da Educação, percebendo ainda as inferências que enfatizam a escola como instituição potencialmente propensa para problematizações, discussões e reflexões acerca das questões de gênero e sexualidade dos sujeitos, principalmente no que tange a desconstrução dos discursos e práticas estereotipadas presentes no contexto social e conseqüentemente no contexto escolar.

Ademais, as análises dos trabalhos permitiu revelar como a temática é abordada em sala de aula, no qual o determinismo biológico de gênero e as concepções biologizantes e higienistas sobre sexualidade se revelam determinantes na condução dos professores, resultado das (pré)concepções dos mesmos, bem como a carência na formação inicial e continuada destes com enfoques para as discussões de gênero e sexualidade.

Desta forma, destacamos a necessidade de os sistemas educacionais estabelecer maior visibilidade e espaço para questionamentos, problematizações, discussões e reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade nas escolas, objetivando formar sujeitos para a equidade, cidadania e respeito para com as diversidades sociais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola. **Revista Periódicus. Salvador**, v. 1, n. 2, p. 19-27, 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12874>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUSA, M. L. de. Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 9., 2013, Águas de Lindóia. **Atas...** Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. p. 1-8. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0831-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, mai./ago, p.549- 559, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: Guacira Lopes Louro. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151 – 268, 2001. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/12/corpos-que-pesam-sobre-os-limites-discursivos-do-sexo-judith-butler/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CADERNO SECAD 4 - **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília, DF: SECAD, 2007. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2018.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. 173 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252663/1/Cesar_MariaRitadeAssis_D.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

CITELI, M. T. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, jan./abr, p.131-145, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100007>>. Acesso em: 04 set. 2018.

FERRARI, A. “Elas são homossexuais” – homossexualidades no interior das escolas. In: Joanira Corpes Magalhães.; Paula Regina Costa Ribeiro. (Orgs.). **Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014, v. 23, p. 13-25.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. SABERES DOCENTES: MULHERES NA CIÊNCIA. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 11., 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2017. p. 1-9. Disponível em:

<<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0549-1.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOYOLA, M. A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: Maria Luiza Heiborn. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jahar, 1999. p. 31-39.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 2001.

MELUCCI, Alberto. **Vivencia y convivencia teoría social para una era de la información**. Madrid: Editorial Trotta, 2001.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Currículo, conhecimento e cultura. In: Jeanete Beauchamp.; Sandra Denise Pagel.; Aricélia Ribeiro do Nascimento.; (Orgs.). **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura /organização do documento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 17-48. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>. Acesso em: 23 de jun 2018.

PAVANI, Fabiane; ANDREOLA, Balduino Antonio. Desnaturalizar a opressão e as desigualdades na escola: educação de gênero, uma questão de valor civilizatório. **Conversas e controvérsias**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 6-28, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/conversasecontroversias/article/view/23661>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, jul/dez, p. 1-35, 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

SEFFNER, F.; PICCHETTI, Y. P. A escola pública brasileira e seu compromisso com a diversidade de gênero e sexualidade. In: Joanira Corpes Magalhães.; Paula Regina Costa Ribeiro. (Orgs.). **Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2014, v. 23, p. 67-81.

SILVA, A. T.; TORRES, I. C. Formação de professores em Diversidade Sexual e Gênero no Amazonas. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR, 17., 2012, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Editora da UFPB, p. 1- 8, 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/12/180>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SILVA, F. F. da. Lições de sexualidade na escola. In: SILVA, F. F. da.; MELLO, E. M. B. (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p. 146-157. Disponível em: <<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/07/Corpos-2011.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

TEDESCHI, L. A.. Gênero: uma palavra para desconstruir sentido e construir usos políticos. **História Unisinos**, v. 9, n. 2, p. 139-144, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6420>>. Acesso em: 20 jul. 2018.